

## Entre o bem e o mal: a interioridade e a busca por significado em *Grande sertão: veredas*

Janaína Rodrigues de Sousa <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho visa analisar a interioridade dos personagens em *Grande Sertão: Veredas* (1956), de João Guimarães Rosa, com foco em Riobaldo, narrador e protagonista. Considerado um marco da literatura brasileira, o romance vai além de uma simples representação do sertão, abordando dilemas existenciais, filosóficos e morais dos indivíduos. A obra utiliza o ambiente rural como metáfora para os conflitos internos dos personagens, especialmente de Riobaldo, que, ao refletir sobre sua identidade, moralidade e destino, se vê diante da dualidade entre o bem e o mal. A narrativa, construída a partir das memórias fragmentadas do personagem, entrelaça passado e presente, explorando o papel da memória na formação da consciência e na construção da identidade. O trabalho se concentra em como Guimarães Rosa utiliza a subjetividade de Riobaldo para refletir sobre a angústia existencial, a busca por significado e a reconciliação com os próprios conflitos internos. A metodologia adotada para este trabalho tem caráter qualitativo, com uma abordagem literária e bibliográfica que integra os conceitos de diferentes teóricos. A análise será fundamentada em *Cândido* (1976), *Filho* (2007), *Cardoso* (2001), *Aguiar e Silva* (1982), *Kierkegaard* (1979), *Nietzsche* (2005). Em conclusão, *Grande Sertão: Veredas* se revela como uma reflexão sobre a condição humana e a busca por significado e reconciliação com os próprios conflitos internos, elementos essenciais para compreender a identidade e a experiência existencial. Palavras-chave: Riobaldo; subjetividade; conflitos internos.

**Palavras-chave:** Riobaldo, subjetividade, conflitos internos.

### INTRODUÇÃO

Publicado em 1956, *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, é considerado um dos maiores romances da literatura brasileira, justamente por transitar entre o regional e o universal. Embora situado no sertão mineiro e povoado por jagunços, o enredo ultrapassa a descrição de um espaço geográfico para transformar-se em reflexão sobre a condição humana, a subjetividade e os dilemas morais que acompanham a existência.

O narrador-protagonista Riobaldo, ao revisitar suas memórias, revela uma narrativa fragmentada que oscila entre lembranças pessoais, reflexões filosóficas e questionamentos éticos. O sertão, nesse sentido, não se limita a um espaço físico, mas simboliza a interioridade do personagem, funcionando como metáfora para os embates

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros UFPI/CSHNB, [rodriguesjanaína0204@gmail.com](mailto:rodriguesjanaína0204@gmail.com).



entre fé e dúvida, liberdade e destino, bem e mal. A obra coloca em evidência que tais categorias não são absolutas, mas se entrelaçam na complexidade da vida.

A relevância deste estudo está em compreender como a narrativa de Riobaldo se constitui como espaço de reflexão sobre a angústia existencial e a busca por sentido, temas que ressoam para além do regionalismo literário e dialogam com questões humanas. Assim, a análise da interioridade do personagem revela como Guimarães Rosa constrói uma obra que destaca moralidade, subjetividade e memória.

O objetivo geral deste artigo é investigar como o romance elabora a relação entre interioridade, dilemas morais e busca de significado. De forma específica, pretende-se: examinar o papel da memória na construção da consciência e da narrativa; discutir como o sertão se configura como metáfora da subjetividade humana; e analisar a dualidade entre o bem e o mal a partir da trajetória de Riobaldo.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, de base bibliográfica e interpretativa, sustentada por teóricos como Antônio Candido (1976), Borges Filho (2007), Aguiar e Silva (1982), Kierkegaard (1979), Nietzsche (2005), entre outros. Os resultados preliminares da análise indicam que *Grande Sertão: Veredas* se constitui não apenas como romance regionalista, mas como uma obra filosófica, na qual a voz de Riobaldo traduz as tensões e ambiguidades da condição humana.

## METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa de caráter qualitativo, que busca uma análise interpretativa da obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, a partir de um referencial teórico crítico. Para Minayo (2014, p. 57):

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Nesse sentido, a pesquisa foi organizada em duas etapas principais: o levantamento bibliográfico e a discussão interpretativa. O levantamento bibliográfico consistiu na seleção de livros que abordam a obra de Guimarães Rosa, privilegiando estudos relacionados à subjetividade, espaço e aos dilemas existenciais de Riobaldo.



Diante disso, os critérios de seleção priorizaram obras reconhecidas e amplamente discutidas na comunidade acadêmica, com o objetivo de abarcar diferentes perspectivas críticas e metodológicas.

Por fim, a discussão interpretativa consistiu em articular os aportes teóricos selecionados com a proposta de compreender como a obra de Guimarães Rosa reflete sobre a condição humana, problematizando a dualidade entre o bem e o mal, o espaço e a busca de sentido na experiência existencial.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura, conforme ressalta Antônio Candido (1976), desempenha um papel fundamental no processo de humanização, pois permite ao indivíduo refletir sobre si mesmo e sobre a coletividade. Nesse sentido, a obra literária não se limita a entreter, mas apresenta uma visão de mundo, revelando valores, conflitos e dilemas que atravessam a experiência humana.

Em *Grande Sertão: Veredas*, essa dimensão é visível na construção de Riobaldo, cuja narrativa revela a tensão constante entre liberdade e destino, fé e dúvida, bem e mal. Como afirma Candido (1976, p. 51), “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, o significado e os valores que o animam”.

Essa relação intrínseca entre personagem e enredo reforça a ideia de que a literatura é capaz de condensar não apenas experiências particulares, mas também reflexões universais sobre a condição humana. Guimarães Rosa, ao narrar a trajetória de Riobaldo, propõe uma reflexão que ultrapassa a representação regional do sertão e se converte em meditação sobre o homem.

De forma complementar, Candido (1976, p. 69) observa que:

O que é possível dizer, para finalizar, é que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista. Quando, por exemplo, este está interessado em traçar um panorama de costumes, a personagem dependerá provavelmente mais da sua visão dos meios que conhece, e da observação de pessoas cujo comportamento lhe parece significativo.



Essa reflexão permite compreender Riobaldo como expressão das intenções estéticas e filosóficas de Guimarães Rosa. O narrador-personagem não apenas representa o sertão e seus costumes, mas também projeta um universo simbólico no qual se exploram as contradições da condição humana. Dessa forma, o romance ultrapassa o regionalismo e se estabelece como obra que interroga, em profundidade, a interioridade e os conflitos existenciais do homem.

### 3.1. Espaço simbólico e subjetividade

O espaço na literatura não se limita a um simples cenário, mas constitui elemento essencial para a compreensão da narrativa e da interioridade dos personagens. Em *Grande Sertão: Veredas*, o sertão transcende a condição de espaço geográfico para se tornar um ambiente simbólico, no qual se apresentam tensões existenciais de Riobaldo. Como aponta Cardoso (2001, p. 40):

[...] o espaço não se restringe a uma localização identificável no mapa, pois, ao elemento físico, articula o social, com suas características, tais como tradições, usos, costumes, valores morais, artísticos e sentimentais, aspecto econômico e político articulados ao contexto histórico que os modificou e continua a modificá-los.

Dessa forma, o espaço articula elementos físicos, sociais e simbólicos, constituindo-se como metáfora da própria subjetividade. O sertão, ao mesmo tempo em que remete a um território concreto, revela-se como lugar interior, em que se manifestam as angústias, dúvidas e contradições. A famosa afirmação de Riobaldo “o sertão é dentro da gente” condensa essa percepção, evidenciando que o espaço funciona como espelho da consciência humana.

Pode-se pontuar, contudo, que esse espaço interior não é confiável, pois se encontra em constante movimento, marcado por ambiguidades, avanços e retrocessos. Os sentimentos, ao se deslocarem, transformam o espaço, revelando a instabilidade e a fluidez da subjetividade. Nesse sentido, Borges Filho (2007, p. 37-39) observa que:

[...] o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes, o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira [...]. Diferentes espaços engendram diferentes atitudes [...]. Outras vezes, não é o espaço que influencia a personagem, mas o contrário: a personagem transforma o espaço em que vive, transmitindo-lhe suas características.



Essa relação de reciprocidade entre personagem e espaço é fundamental em *Grande Sertão: Veredas*. O sertão, enquanto espaço físico, histórico e social, condiciona Riobaldo a enfrentar dilemas e conflitos, mas também é transformado por sua memória e subjetividade. O resultado é uma narrativa em que espaço e personagem se interpenetram, revelando a dimensão simbólica e interior do sertão.

### 3.2. Memória e dilemas existenciais

A memória de Riobaldo, fragmentada e contraditória, não apenas organiza sua experiência pessoal, mas também se confronta com categorias morais que se revelam ambíguas. Ao longo de sua trajetória, o personagem se debate entre acreditar que suas decisões são fruto de sua própria vontade ou resultado de forças externas, como o destino ou a intervenção do diabo. Essa tensão ressoa com a crítica nietzschiana ao conceito de livre-arbítrio, compreendido como erro moral. Como afirma Nietzsche (2005, MA I, 39):

Por fim, qualifica-se todo homem de bom ou mau. [...] tornamos o homem responsável por seus efeitos, depois por suas ações, depois por seus motivos e finalmente por seu próprio ser. E afinal descobrimos que tampouco este ser pode ser responsável, na medida em que é inteiramente uma consequência necessária e se forma a partir dos elementos e influxos de coisas passadas e presentes: portanto, que não se pode tornar o homem responsável por nada, seja por seu ser, por seus motivos, por suas ações ou por seus efeitos. Com isso chegamos ao conhecimento de que a história dos sentimentos morais é a história de um erro, o erro da responsabilidade, que se baseia no livre-arbítrio.

Essa reflexão aproxima-se da angústia de Riobaldo, que frequentemente questiona se é livre em suas escolhas ou se já está determinado por forças externas, sociais, históricas e até sobrenaturais. Sua tentativa de compreender se realizou ou não o pacto com o diabo revela exatamente essa ambiguidade: a responsabilidade de seus atos lhe escapa, pois as fronteiras entre bem e mal, liberdade e destino, se embaralham no processo narrativo.

A subjetividade de Riobaldo não se limita à narração de fatos passados, mas se constitui como constante movimento de reflexão sobre si mesmo. Sua voz é marcada pela busca de sentido e pela necessidade de compreender o que viveu, oscilando entre certezas e dúvidas. Nesse ponto, a filosofia existencial de Kierkegaard se mostra fecunda para iluminar a interioridade do personagem. Como afirma Kierkegaard (1979, p. 195):



O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mais e melhor do que na relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida. O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de possibilidade e de necessidade, é em suma uma síntese.

Essa concepção dialoga intensamente com *Grande Sertão: Veredas*, pois Riobaldo é, em sua essência, uma síntese de opostos: fé e descrença, coragem e medo, liberdade e destino, bem e mal. Sua narrativa é, portanto, um exercício de interioridade, no qual ele se volta sobre si mesmo em busca de autocompreensão. O pacto com o diabo, a guerra entre jagunços e as relações afetivas funcionam como metáforas dessa síntese paradoxal que constitui o homem.

A memória, nesse contexto, não é apenas recordação, mas espaço de confronto existencial. O narrador, ao reconstruir sua trajetória, lida com a tensão entre temporal e eterno, entre aquilo que viveu e o sentido que atribui a essas experiências no presente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo não se limita a narrar acontecimentos, mas realiza um movimento de reflexão constante, em que a memória se converte em tentativa de autocompreensão. Sua narrativa fragmentada, marcada por idas e vindas, revela uma subjetividade atravessada pela incerteza e pela angústia.

Essa interioridade contraditória manifesta-se em diversas passagens do romance. Em um momento, o narrador expressa a solidão e a experiência da finitude “Mas mesmo depois, naquela hora, eu não gostava mais de ninguém! Só gostava de mim, de mim! Novo que eu estava no velho do inferno. Dia da gente desexistir é um certo decreto — por isso que ainda hoje o senhor aqui me vê.” (ROSA, 1956, p. 38).

A consciência da “desexistência” é apresentada como decreto inevitável, revelando que a angústia não se restringe à morte, mas à própria condição de existir. Em outro momento, Riobaldo afirma “Ah, medo tenho não é de verdade morte, mas de verdade nascimento. Medo mistério.” (ROSA, 1956, p. 43).



Além do temor existencial, o narrador também revela o sentimento de inadequação em relação ao papel social que ocupa “No formato da forma, eu não era o valente nem mencionado medroso. Eu era um homem restante trivial. A verdade que diga, eu achava que não tinha nascido para aquilo, de ser sempre jagunço não gostava.” (ROSA, 1956, p. 47).

Nesse sentido, a interioridade não é espaço de respostas definitivas, mas de perguntas que permanecem em aberto. Como lembra Candido (1976, p. 51), “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo”, o que significa que, em Riobaldo, personagem e narrativa se fundem em um testemunho da condição humana, marcada pela dúvida, pela solidão e pela busca incessante de significado.

Na literatura, o espaço não se limita a ser mero cenário, mas se constitui como elemento essencial para a construção da narrativa e da interioridade dos personagens. Em *Grande Sertão: Veredas*, o sertão não é apenas um espaço físico, mas um lugar simbólico, que reflete e molda as tensões existenciais de Riobaldo. Cardoso (2001, p. 40) afirma que o espaço não se restringe a uma localização identificável no mapa, mas a seus elementos concretos e simbólicos que os modificou e continua a modificá-los.

Essa articulação entre espaço físico e social é evidente na forma como Riobaldo descreve a paisagem, não como observador distante, mas como alguém que projeta nela sua subjetividade. Em uma de suas descrições poéticas, o narrador atribui vida e cor ao ambiente:



[...] Esse tem cachoeiras que cantam, que é d'água tão tinto, que papagaio voa por cima e gritam, sem acordo: — É verde! É azul! É verde! É verde!... E longe pedra velha remelêja, vi. Santas Águas, de vizinhas. E era bonito, no correr do baixo Campo [...] (ROSA, 1956, p. 40).

Nesse fragmento, o sertão não é apenas realidade objetiva, mas também espaço subjetivo, moldado pela percepção sensível do narrador. O ambiente ganha dimensões imaginárias e simbólicas, revelando como a paisagem é ressignificada pela interioridade. Essa relação dialética entre personagem e ambiente atinge seu ponto mais alto na declaração de Riobaldo: “O sertão é do tamanho do mundo.” (ROSA, 1956, p. 52).

Aqui, o sertão se amplia em metáfora da totalidade existencial, condensando em si tanto a realidade geográfica quanto a subjetividade do narrador. Aguiar e Silva (1982, p. 570) observa que o espaço literário pode assumir dimensões físicas e simbólicas, tornando-se:

Um espaço físico e social que, ou marcadamente realista, ou predominantemente fantástico constitui o ubi em que se situam os agentes e em que se processa a sequência de eventos e os agentes uma relação funcional e semântica (ideológica, simbólica, mítica) necessária e, em muitos textos, extremamente relevante

Em Rosa, o sertão cumpre exatamente esse papel, ele é, ao mesmo tempo, espaço real de batalhas e deslocamentos e um ambiente místico em que se projetam os dilemas éticos e existenciais de Riobaldo.

Assim, o espaço em *Grande Sertão: Veredas* não pode ser compreendido apenas como paisagem natural. Ele é vivido, ressignificado e expandido pela narrativa, tornando-se espelho da interioridade do protagonista e metáfora universal da condição humana.

### 3. O dilema moral entre o bem e o mal

Em *Grande Sertão: Veredas*, o dilema entre o bem e o mal constitui uma das tensões mais profundas da narrativa, materializada na dúvida de Riobaldo sobre a existência do diabo e na possibilidade de um pacto.

Esse conflito não se apresenta como oposição simplista, mas como campo de ambiguidades, em que o mal aparece tanto como força difusa no mundo quanto como



presença interior. O narrador expressa essa percepção logo no início de seu relato: “Deus é paciência. O contrário, é o diabo. Se gasteja.” (ROSA, 1956, p. 14).

Aqui, o mal é definido como impaciência e desgaste, contraponto à permanência divina. Essa concepção mostra que o dilema moral não se dá apenas no plano metafísico, mas no modo como o sujeito vive o tempo, a espera e as escolhas. Kierkegaard (1979, p. 195) lembra que o homem é síntese de finito e infinito, possibilidade e necessidade, e justamente por isso é chamado a decidir-se em meio à angústia, Riobaldo experimenta essa tensão ao oscilar entre a fé e a descrença, entre a confiança e o temor do pacto.

A força do mal, contudo, não é restrita à experiência interior. Para Riobaldo, o diabo se difunde em todas as coisas:

Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até! Nas crianças — eu digo. Pois não é ditado! Menino — trem do diabo? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes... O diabo na rua, no meio do redemoinho.” (ROSA, 1956, p. 10).

Nesse fragmento, o mal é entendido como presença onipresente, espalhada nas práticas, na natureza e até mesmo na inocência das crianças. Nietzsche (2008, GM I, 2) já advertia que as categorias de bem e mal não são essências fixas, mas valores criados historicamente pelos homens.

Essa criação de valores, vinculada à vontade de potência, explica a percepção de Riobaldo, o diabo não é ser concreto, mas interpretação, modo de dar sentido ao mundo. Por outro lado, o narrador reconhece que o mal também habita a interioridade “Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer.” (ROSA, 1956, p. 10).

O sofrimento cotidiano aparece como modo de “gastar” o mal, como se este fosse inseparável da condição humana. Essa visão dialoga com a noção nietzschiana de *má consciência*, definida como “a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical mudança que sobreveio quando se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz” (NIETZSCHE, 2008, GM II, §16). O mal, portanto, não é entidade metafísica, mas resultado da interiorização da culpa e da repressão, que transforma o homem em inimigo de si mesmo. Essa mesma consciência



aflore na reflexão ética de Riobaldo: “O mal ou bem, estão é em quem faz, não é no efeito que dão.” (ROSA, 1956, p. 69).

Aqui, o bem e o mal deixam de ser medidos pelos resultados e passam a residir na ação e na intenção de quem age. Essa concepção ressoa a crítica de Nietzsche (MA I, 39) ao erro do livre-arbítrio, segundo a qual responsabilizamos o homem por seus efeitos, depois por seus motivos, até recair na ilusão de um ser moral estável. Na obra, a responsabilidade ética não vem de fora, de Deus ou do diabo, mas do próprio homem, que precisa assumir a autoria de seus atos.

Dessa forma, o dilema moral em *Grande Sertão: Veredas* revela-se menos como disputa entre entidades sobrenaturais e mais como expressão da condição humana. O diabo é metáfora da interioridade em conflito, espelho da angústia de um sujeito que busca compreender a si mesmo em meio à criação histórica dos valores. Em Riobaldo, bem e mal se fundem como possibilidades existenciais, tornando sua narrativa um testemunho da luta universal pela construção de sentido diante do mistério da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste trabalho permitiu compreender que *Grande Sertão: Veredas* ultrapassa os limites de um romance regionalista, transformando-se em reflexão filosófica e existencial sobre o ser humano. A narrativa de Riobaldo, marcada pela fragmentação da memória e pelo movimento constante de indagação, constitui-se como espaço de interioridade, no qual a busca por sentido é atravessada pela angústia, pela dúvida e pela consciência de finitude.

O espaço do sertão, por sua vez, revelou-se mais do que cenário: tornou-se metáfora da subjetividade, espelho das tensões e contradições do narrador. O sertão é vivido, sentido e recriado pela linguagem, articulando dimensões físicas, sociais e simbólicas que expandem sua significação para além do geográfico. Nesse contexto, espaço e personagem se interpenetram, confirmando o caráter universal da obra.

Por fim, o dilema entre o bem e o mal mostrou-se menos como disputa metafísica e mais como expressão da condição humana, atravessada pela responsabilidade, pela criação histórica dos valores e pela presença da angústia. Riobaldo, ao oscilar entre fé e descrença, liberdade e destino, projeta o questionamento



Dessa forma, conclui-se que Guimarães Rosa constrói em *Grande Sertão: Veredas* uma obra que integra literatura, filosofia e reflexão existencial. O romance evidencia que a vida humana é marcada pela ambiguidade, pela instabilidade e pela incessante busca de significado. Mais do que narrar batalhas de jagunços, Rosa revela o drama universal do homem diante da liberdade, do tempo e da própria consciência.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

